



Horizontes Antropológicos

40 | 2013
Megaeventos

SENNETT, Richard. *O artífice*

Filipe Ferreira Ghidetti



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/219>
ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 18 Setembro 2013
Paginação: 457-460
ISSN: 0104-7183

Refêrencia eletrónica

Filipe Ferreira Ghidetti, « SENNETT, Richard. *O artífice* », *Horizontes Antropológicos* [Online], 40 | 2013, posto online no dia 14 março 2014, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/219>

SENNETT, Richard. *O artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 364 p.

Filipe Ferreira Ghidetti

Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil

Em *O artífice*, Richard Sennett faz uma investigação histórica do trabalho manual de artífices de diferentes ordens, em busca de compreender os processos criativos envolvidos numa relação de mão dupla entre ideia e matéria. O autor americano entende que o contato com matéria não é imediato, senão mediado pela linguagem.¹ Neste livro, Richard Sennett discute o processo de criação a partir de outro olhar. O artífice é aquele que se preocupa com o trabalho bem feito, “pelo prazer da coisa benfeita”. Sennett problematiza a concepção alimentada por Hannah Arendt de que aquele que produz coisas materiais muitas vezes não tem poderio racional e ético de controle sobre tal produto. Trata-se aqui do mito de Pandora. A “solução” apontada por Arendt é o controle da política, que deve se colocar acima do trabalho físico.

Segundo Sennett, Arendt distinguia: *Animal laborens* e *Homo faber*. O primeiro é o que fica absorto no trabalho como fim em si mesmo, com o único objetivo de “fazer a coisa funcionar”. O segundo é o “juiz do labor”, que discute e julga o fazer. Sennett aposta num envolvimento mais materialista do homem com o seu trabalho. A figura do artífice condensa um diálogo entre práticas concretas e ideias, sobre o fundo de hábitos prolongados. Encontramos, em *O artífice*, tanto a tese de que “[...] as habilidades, até mesmo as mais abstratas, tem início como práticas corporais [quanto a tese de que] [...] o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação” (p. 20). *Grosso modo*, trata-se de uma via de mão dupla entre ideia e prática.

O autor faz um estudo filosófico da técnica, como uma questão cultural, recorrendo à análise de registros históricos da civilização, “[...] como catálogo de experiências de produção das coisas” (p. 25). Sennett desenvolve uma argumentação, ao longo do livro, em que recria os processos históricos

¹ Para Sennett, há uma ligação de duas vias: “[...] a realidade material dá a resposta, constantemente corrigindo a projeção, advertindo quanto à verdade material” (p. 303).

sublinhando sua análise filosófica sobre cada ponto. O autor chama a atenção para o processo de capacitação (prática de treinamento), a partir do qual desconfia do talento inato e da espontaneidade sem fundamento. Repetir possibilita a autocrítica, permite modular a prática de dentro para fora. Os momentos de criação estão, na verdade, ancorados na rotina:

À medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo daquilo que ela repete. O que parece óbvio: nos esportes, repetindo infindavelmente um saque de tênis, o jogador aprende a jogar a bola de maneiras diferentes; na música, o menino Mozart, aos 6 e 7 anos de idade, ficou fascinado com a sucessão de acordes da sexta napolitana, na posição fundamental [...]. Depois de trabalhar alguns anos nela, tornou-se perito em inverter a mudança para outras posições. (p. 49).

Nas análises de Sennett, o processo de capacitação do artífice demanda um processo prolongado e carregado de significados nos seus percalços. A dificuldade e a incompletude são aspectos que aparecem no trabalho e que são estimulantes, impulsionam a novos rumos e objetivos. Isso está ausente, por exemplo, do trabalho do arquiteto com o Autocad.² Até mesmo a originalidade de pintores renascentistas era ancorada no trabalho coletivo com seus assistentes, e não lhes “proporcionava bases sociais de autonomia”.

A ideia de consciência material, de Sennett, remete às transformações materiais (que se dão no domínio da vida) que suscitam transformações de consciência:

A metamorfose que mais desafia o fabricante a manter conscientemente a forma será talvez a “mudança de domínio”. Esta expressão – de minha lavra – remete à maneira como determinada ferramenta, utilizada inicialmente para certa finalidade, pode ser aplicada em outra tarefa, ou como o princípio que orienta uma prática pode ser aplicado a outra atividade completamente diferente. As formas-tipo desenvolvem-se por assim dizer no interior de um país; as mudanças de domínio atravessam as fronteiras. (p. 146).

² Autocad é um *software* que tem o objetivo de auxiliar a confecção de desenhos por computador. Esse programa é amplamente utilizado por arquitetos do mundo todo. É importante saber que o Autocad automatiza os meios de ação daqueles arquitetos que utilizam o programa.

Richard Sennett procura conferir uma lógica às associações entre ideia e matéria: “Essas permutas [...] ocorrem lentamente, destiladas pela prática, e não ditadas pela teoria [...] o lento avanço do trabalho do artífice forja a lógica e mantém a forma.” (p. 147). Só a capacitação permite acompanhar a lógica da matéria.

As pessoas que adquirem um alto grau de capacitação veem na técnica a “alma”; a técnica está ligada à expressão, a linguagem alimenta a lógica material retroativamente. Segundo Sennett, a mão se tornou humana ao longo da história, a partir dos seus usos. A técnica corporal da preensão, que surgiu no processo evolutivo, é como uma tentativa de agarrar o sentido por meio da ação. A técnica é o que suporta a expressão porque abre o horizonte de erros e, conseqüentemente, de acertos: “Tenho um padrão de referência que me diz o que estou buscando, mas meu compromisso com a verdade reside no simples reconhecimento de que cometo erros [...]. Devo dispor-me a cometer erros, tocar notas erradas, para eventualmente acertar.” (p. 180). Há uma dialética entre a maneira correta e a experiência do erro: é o desenvolvimento a partir da técnica.

Fazendo alguma coisa acontecer mais de uma vez, temos um objeto de reflexão; as variações nesse ato propiciador permitem explorar a uniformidade e a diferença; a prática deixa de ser mera repetição digital para se transformar numa narrativa; movimentos adquiridos com dificuldade ficam cada vez mais impregnados no corpo; o instrumentista avança em direção a maior habilidade. (p. 181).

É preciso ir além do “ser como coisa” (p. 196) como o próprio Sennett alerta: é preciso se colocar de maneira antecipada, um passo à frente da matéria. É preciso transformar a preensão (como ideia de agarrar) num “estado de espírito permanente” por meio da repetição. Fixa-se um ritmo. Isso permite a antecipação. Para Sennett, “[...] os movimentos corporais constituem a base da linguagem” (p. 202). Isso aparece nos estudos do neurologista Frank Wilson, que, no tratamento de pacientes com apraxia e afasia, percebia que era necessário tratar a apraxia para lidar melhor com a afasia.

Sennett entende que a perícia artesanal encontra guarida no pragmatismo (onde se inclui), que procura “conferir sentido à experiência concreta”; segundo o autor, o conceito de experiência é central no pragmatismo:

É o conceito de experiência, palavra de conotações mais vagas em inglês do que em alemão, que a divide em duas, *Erlebnis* e *Erfahrung*. A primeira designa um acontecimento ou relação que causa uma impressão emocional íntima, a segunda, um fato, ação ou relação que nos volta para fora e antes requer a habilidade que sensibilidade. O pensamento pragmático insiste em que esses dois significados não devem ser separados. (p. 321).

Se focarmos apenas na *Erfahrung*, corremos o risco do instrumentalismo. Assim, é também necessário o acompanhamento das sensações que mobilizam internamente. No entanto, Sennett diz que o foco de *O artífice* foi enfatizar o domínio da *Erfahrung*, dessa volta para o exterior. Por isso propõe o “ofício da experiência”, um conjunto de técnicas que disponibilizariam nosso conhecimento tácito para os outros. “A ideia da experiência como ofício contesta o tipo de subjetividade que prospera no puro e simples processo de sentir” (p. 322). Dessa forma, as “impressões”, nas palavras de Sennett, são apenas a matéria-prima. Portanto, aqui, a técnica não é o que fecha relações significativas e possibilidades expressivas. Além disso, é ela quem abre o corpo para a linguagem.